RECENSÕES

VON RAD, Gerhard, **EL LIBRO DEL GENESIS** (Biblioteca de Estudios Bíblicos 18). Ediciones Sígueme, Salamanca 1977; 539 pgs. 20 X 12,5 cm.

Este conhecido e apreciado comentário do primeiro livro da Bíblia foi traduzido por Santiago Romero sobre o texto da 9ª edição póstuma de 1972, ao passo que a primeira edição saiu em 1949.

À guiza de introdução ao comentário von Rad trata a questão mais ampla da posição do Gn no Hexateuco, complexo que abrange os cinco livros de Moisés ou o Pentateuco mais o livro de Josué (note-se, porém, que outros exegetas preferem a divisão em Tetrateuco (Gn até Núm) e obra deuteronômística (Dt até 2 Rs)). Como ponto de partida para a formação deste conjunto de seis livros v. Rad toma as antigas profissões de fé Dt 26,5-9 6,20-24 e Js 24,2-13 que provavelmente já eram partes integrantes do culto no tempo dos Juízes. A partir destes "Credos" o genial javista (sigla: J), pelo ano de 950 a.C. ou tempo de Salomão, repensou todas as antigas tradições de Israel, dando a todo Hexateuco sua forma e dimensão. Foi ele que incluiu no esquema geral dos "Credos" a tradição do Sinai, elaborou as tradições dos patriarcas e, à maneira de pórtico, redigiu a história das origens (Gn 2-11). O eloísta (sigla: E) viveu uns dois séculos depois e deve muito aos profetas. P ou tradição sacerdotal se originou depois do exílio, entre 538 e 450 a.C., mas contém elementos mais antigos e mais recentes. Note-se, no entanto, que mais comumente se dá como tempo de origem de P o tempo do exílio.

Como introdução imediata ao comentário o autor trata de problemas hermenêuticos, entre os quais avulta o do valor histórico e religioso das lendas ou sagas contidas no Gn. Também elas são veículos preciosos para a transmissão da mensagem religiosa dum Deus que atua na história de Israel.

No tocante ao comentário propriamente dito, v. Rad subdivide o livro em muitas unidades literárias que nem sempre coincidem com a repartição em capítulos, como os temos em nossas Bíblias. Por via de regra dá uma breve introdução em que trata do gênero literário, das fontes donde provém a respectiva secção, dos problemas preliminares e em seguida passa à explicação: esta é mais ou menos extensa, de acordo com a índole do trecho, dando atenção

especial à teologia ou mensagem religiosa. O comentário à história primordial é bem mais amplo que a dos patriarcas. São particularmente interessantes e valiosos os epílogos ou conclusões gerais que aparecem no fim dos trechos explicados, entre os quais ressaltam os da história primordial (pgs. 184-188) e da história de José (pgs. 531-539).

Para v.Rad a **história bíblica dos patriarcas** é uma composição elaborada a partir de relatos isolados ou de origem independente, sendo portanto fruto dum vasto trabalho compilador de cunho profundamente teológico e artístico (p. 199). A **história de José**, tão ampla e interessante, de fato é uma inserção na história do patriarca Jacó; ela não é uma saga como os relatos dos patriarcas que p.ex.estão ligadas a certos lugares, como Hebron, Bercheba, mas sim uma novela de cunho profundamente sapiencial; não é um "rosário de sagas" ou um "ciclo de lendas", mas um relato coerente, construído organicamente desde o princípio até o fim (p. 429). É muito interessante o retrato da personalidade de José que v.Rad traça no fim do comentário: ele é um **mestre da sabedoria** que corresponde ao ideal da sabedoria estabelecido sobretudo no livro dos Provérbios. Quanto ao **conteúdo teológico**, dá na vista que esta história fala relativamente pouco de Deus e de temas da fé. As passagens onde José fala diretamente de Deus, têm alcance programático e nos ajudam a entender o relato no seu conjunto: é Deus ou o Deus de Israel que dirige toda esta história com seus tantos altos e baixos; é também ele que converte o mal em bem e sabe mesmo transformar os maus planos dos homens, p.ex.dos irmãos de José, em bens salutaros (45,5-7 50,20): é como dizer que Deus escreve direito por linhas tortas. Ou como o formula v.Rad: estas passagens falam da atuação salutar de Deus profundamente escondida numa mundanidade radical (p. 537). Finalmente esta história não contém nada da teologia da aliança, mas bem no fim José lembra aos irmãos a promessa da posse do país, terminando assim com um dos temas essenciais da história dos patriarcas.

É portanto um comentário amplo e valioso que as Ediciones Sígueme de Salamanca põem nas mãos dos leitores de fala espanhola (e portuguesa). Mas esta apreciação essencialmente positiva não significa que o recenseante esteja de acordo com todos os pormenores do comentário. Seja-me portanto permitido apontar algumas ressalvas.

Gn 1,2: Com outros o autor toma o "espírito de Deus" no sentido superlativo de "tempestade de Deus", considerando-o por conseguinte como um elemento do "caos" primitivo, ao par das trevas e das águas primordiais. Mas se este fosse o caso, porque

então Deus não elimina este elemento caótico, como o faz com os outros elementos? Além disto o termo hebraico "rúach" é um tanto ambíguo ou polivalente, podendo significar "vento", "sopro" e nesta última acepção poderia aludir ao "sopro dos lábios de Deus" ou à palavra que está prestes a entrar em ação, pronunciando o "Fiat lux!".

G. von Rad admite a "creatio ex nihilo" e nisto faz muito bem, ao contrário duma tendência ou quase ogeriza que mais e mais se espalha, de excluir esta noção fundamental. O comentário diz à pg. 58: O termo *bará* ("criar") contém por um lado a noção de total ausência de todo esforço (e isto está perfeitamente certo e ninguém o põe em dúvida) e por outro lado a noção da idéia duma *creatio ex nihilo*. Ora eu não insistiria tanto que já o próprio termo contenha esta "creatio ex nihilo", mas me apoiaria mais no contexto da passagem onde de fato não há menção duma matéria, da qual o criador produza as obras sucessivas.

Gn 3,15: Afirma-se que a luta entre a serpente com sua descendência e a mulher com sua descendência é desesperada, sem saída nem esperança, é peleja que nunca conduz à vitória por um esforço heróico (p. 112). Não concordo com esta perspectiva lúgubre. Embora o termo "chûf", que aqui ocorre duas vezes, não seja perfeitamente claro, contudo Deus não amaldiçoa a mulher e a humanidade, mas amaldiçoa o tentador que com isto mesmo fica em posição inferior. Além disto Deus não cumpriu a ameaça de morte que tinha lançado como castigo da desobediência; finalmente Deus faz vestimentas para os protoparentes, com o que indica que ele não os quer arrasar de vez. Fica portanto a esperança duma vitória final numa luta permanente. Por conseguinte pode-se perfeitamente continuar a falar em "Protoevangelho" no tocante a Gn 3,15.

Também se pode perguntar, se é feliz o método de tratar Gn 5 logo depois de Gn 1, ambos da fonte P. O mesmo questionamento vale do relato do dilúvio onde primeiro se explica a tradição (ou fonte) javística (p. 143-150) e só depois a sacerdotal ou P (p. 150-156). Afinal temos de partir do texto atual das nossas Bíblias e das implicações teológicas que a combinação ou o uso das diversas fontes apresentam nos contextos atuais. Pois já não temos as fontes primitivas e as análises literárias ainda deixam dúvidas e por isso há decênios se percebe uma certa efervescência e contestação não só a respeito das suas delimitações exatas e tempo de origem, mas mesmo quanto à sua existência separada. De resto eu prefiro falar em tradições, evitando o termo "fonte" ou documento que implica ou insinua algo de rígido e imutável.

Gn 11,1-11: **Cidade e torre de Babel.** Não se poderia ter tirado mais partido do fato de aquela "torre" visar uma "zigurat" ou torre

de andares ou pisos e mais em particular a de Babel, chamada Etemenanki? A partir desta identificação a iniciativa arrojada destes homens representa a apostasia de Deus, pois no caso a "torre" seria um santuário consagrado a uma divindade pagã, p.ex. Marduk. Neste caso o nosso episódio seria o ponto culminante das sucessivas rebeldias dos homens que agora escapam ou estão prestes a escapar do domínio de Deus, de modo que está na hora de ele intervir e dar-lhes novo ponto de união: isto se faz logo adiante no chamamento de Abraão.

Finalmente uma observação a respeito de 12,10-20: Ao entrar no Egito, Abraão, para salvar sua própria pele, faz passar Sara por sua irmã, o que certamente é pouco cavalheiresco. Para v.Rad no caso se trata em primeiro lugar de assegurar a descendência de Abraão: Deus salva a ancestral ou mãe de Israel, para cumprir a promessa dum grande povo. Mas uma teóloga protestante, discípula de v.Rad e sua admiradora, adverte que isto é explicação teológica de homens, leitura através de óculos masculinos. De fato Deus intervém e salva a mulher atraçoada e entregue que em todo o episódio não tem voz. O Deus de Abraão também se revela como Deus de Sara, o Deus dos abandonados e condenados ao silêncio (Eva Renate Schmidt, *Theologie der Gegenwart* 23, Nr. 3, 1980, 34).

Para terminar esta recensão que já vai longe. Enquanto um confronto da presente tradução com as primeiras edições originais me permite um julgamento, a tradução é fiel e exata, o que significa não pequeno elogio, quando se trata duma tradução do alemão de cunho científico destes últimos decênios...

Como raras erratas que encontrei, anoto as seguintes:

- p. 175, linha 9 a contar do pé da pág., deve ser *naciones*, e não *nacioones*;
- p. 520, 2ª alínea, 6ª linha do fim: deve ser "kabod", e não "babod".
- p. 535, 4ª linha a partir do pé da página, deve ser 42,21, e não 4,21.
- p. 538, linha 7: deve ser p. 531 e não 543.

P.J. Balduino Kipper S.J.

Bíblia **NOVO TESTAMENTO**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis 1978. 18 X 13 cm, 703 pgs. com gravuras e mapas.

Esta nova edição do Novo Testamento se baseia na tradução de Frei Mateus Hoepers OFM, publicada pela primeira vez em 1956; ela agora sai revista sob o ponto de vista literário e exegético. A apresentação tipográfica do volume é bonita e atraente e a leitura e a orientação no texto é facilitada pelos muitos títulos em negrito. O texto é fluente e a tradução, por via de regra, esmerada e fiel, graças sobretudo à última revisão. As notas são sóbrias, mas em geral são substanciosas e orientam bem, procurando explicar ao leitor atual textos escritos há quase dois mil anos. Ao pé das páginas, antes das notas exegéticas, são indicadas inúmeras passagens paralelas, constituindo-se em verdadeira mina para quem queira penetrar mais profundamente no texto. À pag. 10 há um mapa da Palestina do Tempo de Cristo e na pg. seguinte uma planta de Jerusalém no Período do Novo Testamento. Nos At há mapas das quatro viagens de São Paulo. Além disto aparecem várias gravuras de página inteira da autoria de Doré.

O volume alentado termina com alguns **Apêndices: Medidas, pesos, moedas e sobretudo a lista completa das leituras litúrgicas das missas dominicais e feriais, num total de 10 páginas. Finalmente há um Índice temático de 20 pag., também ele muito útil. Como se vê, temos aqui um volume muito rico que vale o preço da compra. Não li todo o volume, mas andei respigando cá e lá, como aparecerá nas notas que vão seguir. Para mim pessoalmente foi muito útil o elenco das leituras litúrgicas que me prestaram ótimos serviços na preparação das missas dominicais e feriais; infelizmente nesta lista escaparam muitas erratas, o que afinal não admira tanto, quando se pensa nas centenas de algarismos.**

É difícil contentar a todos os gostos e isto vale especialmente dos exegetas; por isso permitam-se-me algumas observações em vista de eventualmente melhorar a tradução.

Todos conhecemos Lc 1,42: "Bendita és tu entre as mulheres". De fato isto é um hebraísmo para exprimir o superlativo: "Tu és a mais feliz das mulheres".

O texto do "Magnificat" Lc 1,48 não ficaria mais simples assim: "Olhou para a sua serva tão humilde"? Outra observação a respeito do mesmo cântico: o termo "éleos" dos vv.50a e 54b vem traduzido de maneira óbvia por "misericórdia". Ora isto me parece discutível, porque na Versão dos Setenta "éleos" corresponde

prevalentemente ao hebraico "hèsed" que se deve traduzir por "piedade, benevolência, amor, solidariedade, mentalidade comunitária", tradução que se enquadraria muito bem no contexto geral do "Magnificat".

Em Lc 4,22 "as palavras cheias de graça" são muito "bíblicas", mas a tradução mais exata seria: as palavras **muito agradáveis** ou gostosas de se ouvirem, não só porque Jesus falava e pronunciava bem e sem tropeços, com voz boa e agradável, mas sobretudo porque correspondiam às esperanças e aspirações dos judeus do tempo. É portanto o contrário de Jo 6,60: Estas palavras são duras!

Mt 4,18: Ao caminhar pelo mar da Galiléia; isto pelo menos é ambíguo. O texto original traz: Passando (ou caminhando) ao longo, pela margem, à beira-lago. No mesmo versículo: lançando a rede: mais exato e concreto serial: lançando a **tarrafa**.

Lc 5,8 e Jo 9,16: **homem pecador**; isto é um modismo grego ou latino, mas em nossas línguas se diz simplesmente: sou pecador, ou: homem cheio de pecados. De resto adiante, Mt 18,23, a mesma expressão aparece bem traduzida: O reino dos céus se assemelha a um rei (e não a um homem-rei). Em At 27,10.21.25 termo semelhante está muito bem traduzido por "Amigos!" (S.Paulo falando à tripulação e aos companheiros de viagem marítima). A mesma tradução também aparece em At 7,26 e em 1,16 se traduz muito bem "Irmãos!" e não homens-irmãos; em 17,22 fica bem "Atenienses!", mas também se poderia dizer: Senhores atenienses, ou cidadãos de Atenas. Igualmente bem Lc 24,19: Jesus era **profeta poderoso**. Mas o "Homens galileus" de At 1,11 me soa um tanto estranho.

Isto lembra a tradução "**mulher**" em diversas passagens. Parece-me que em geral "senhora" ficaria melhor, especialmente quando há vocativo, porque o termo grego "gyné", ao menos por via de regra, não envolve nenhuma depreciação. Portanto para Mt 15,28 Lc 13,12 22,57 Jo 20,13.15 1 Cor 7,16 eu preferiria a tradução: "Senhora!" Em Jo 2,4 e 19,26 se pode hesitar: eu preferiria também aqui "Senhora!", mas em vista da alusão provável à primeira mulher Eva, como adverte muito bem a nota a 2,4, também "Mulher" se justifica.

Venhamos a Mt 5,22 ou à primeira das seis antíteses do Sermão da Montanha. O texto e sua interpretação certamente apresentam dificuldades, mas não sei, se a tradução proposta e a explicação na nota satisfazem. O dito tem algo de paradoxal, mas duvido que o paradoxo esteja no decréscimo da ofensa e no aumento da pena. É que os termos gregos se podem entender de outra maneira. Em vez de "encolerizar-se" (isto é "fazer cena") eu

diria "irritar-se", o que não precisa ser tão sério. O "raká" coere com o radical hebraico "rîq" - ser vazio; o termo ocorre muitas vezes na literatura rabínica e exprime menosprezo, agastamento, sendo considerado termo injurioso bastante inócuo, não muito sério; portanto a tradução "patife" parece forte demais. Quanto ao "moré" o termo correspondente aramaico e hebraico era o insulto mais comum, equivalendo a "idiota". Portanto para Jesus, mesmo a simples irritação e a injúria mais comum ou corriqueira representa algo de muito sério na nova ordem que ele veio trazer, daí os castigos que nos parecem exorbitantes (Joach. Jeremias, ThWNT 6,1959, 973-76).

Finalmente há o caso das moedas: já que suas designações são praticamente desconhecidas ao leitor moderno do N.T., como traduzi-las? A nova tradução opta, por via de regra, por uma tradução descritiva ou parafrástica. Vejamos as principais ocorrências de moedas, começando pelo talento. Temos aqui a parábola do servo inexorável e então se diz que um dos servos deve ao rei "uma enorme fortuna" (Mt 18,24), mas na parábola de 25, 15-28 sempre se põe "talentos". Na parábola afim das minas em Lc 19,11-27 segue-se um caminho diferente e bastante complicado: em vez de "dez minas" fala-se em cem moedas de prata que cada um dos dez empregados recebe. Na hora de prestar contas o primeiro constata com satisfação: "As cem moedas produziram dez vezes mais!", perfazendo um total de mil, como se traduz nos vv.24 e 25. O segundo diz: "As cem moedas renderam cinco vezes mais!", o que daria quinhentas moedas. Como se vê, faz-se todo um cálculo e transposição de valores monetários, mas duvido que com isto a tradução ou adaptação ganhe em clareza e atualidade. O texto diz que aquele nobre senhor entregou a dez servos ou funcionários dez minas, isto é a cada um uma mina, como se vê na prestação de contas (vv.16.18.20). Não consigo ver bem, por que uma mina equivalha a cem moedas de prata; na tabela à pg. 661 uma mina (como peso) equivale a 571 gramas. Logo parece-me que no caso resultou muita confusão.

Venhamos aos denários que são a moeda fundamental romana. Mt 18,28: devia-lhe cem moedas (sem nota); 20,2.9.10.13 (na parábola dos operários na vinha): o preço da diária ou simplesmente diária. Mas Lc 7,41 fala em quinhentas, respectivamente cinqüenta moedas de prata; Mc 6,37 fala-se num gasto de duzentas moedas, para comprar pão para a multidão no deserto, e no texto paralelo de Jo 6,7 se põem duzentas moedas de prata, expressão que também ocorre em 12,5: trezentas moedas de prata pelo perfume; Apc 6,6: Uma medida de trigo pelo salário de um dia. Logo as traduções/adaptações ou parafrases variam.

Ainda há as *dracmas* que só ocorrem na respectiva parábola e são traduzidas por "dez moedas de prata" (Lc 15,8-9). A *didracma* de Mt 17,24 é traduzida por "imposto do templo", e o *estatere* do v. 27 por "moeda"; isto é menos concreto, mas corresponde ao sentido e talvez não valha a pena dar uma tradução tecnicamente fiel que exigiria as respectivas explicações.

Portanto, ao meu ver, tudo somado e ponderado, é preferível conservar os termos próprios sem circunlocuções e portanto talentos, minas, denários, dracmas, didracmas, estatere, asses etc. e pôr notas explicativas, como de fato se faz muito bem no nosso texto em Mt 25,15. As perífrases "moedas" ou "moedas de prata ou ouro" não dizem muito, porque praticamente ninguém as conhece, uma vez que as nossas patacas ou patações já vão lá para 60 anos atrás. A transposição de minas para cem moedas de prata não vai sem problemas e no fim só complica.

Está claro, são preferíveis estas aproximações ou descrições às adaptações em cruzeiros ou centavos, como p.ex. aparecem em alguns trechos do Leccionário Litúrgico das Edições Paulinas: Um dos devedores devia uns 250 cruzeiros e o outro uns 25 (por 500, respetivamente 50 denários: Lc 7,41); em 1972 isto dava algum sentido, hoje nem seria mais dívida. Ou ainda: na citada parábola do servo inexorável os dez mil talentos e os cem denários vem traduzidos ou parafraseados assim: "Ihe devia uns 30 milhões", respetivamente "Ihe devia uns 30 cruzeiros". Isto em 1972. Quanto aos 30 milhões ainda passe, mas por uns 30 cruzeiros seguramente ninguém hoje em dia brigaria..... A versão citada ocorre na terça-feira da terceira semana da Quaresma; mas o mesmo evangelho volta na quinta-feira da semana 19 comum e neste caso o Leccionário dá simplesmente "talentos" e "denários".....

P. J. Balduino Kipper S.J.

WIENER, Claude, **ÊXODO DE MOISÉS, CAMINHO PARA HOJE**. Edições Loyola, São Paulo, 1974. 149 pgs. 21 X 14 cm.

O título original deste livro é o seguinte: Exode de Moïse, Chemin d'aujourd'hui. Essai de lecture biblique pour notre temps (Points de repère). Paris-Tournai 1969. É estranho que se tenham

omitido na tradução o subtítulo e o próprio nome do tradutor. O tema do livro é o êxodo dos israelitas do Egito em sentido amplo, abrangendo não apenas o êxodo ou saída do Egito com suas peripécias até a passagem do Mar de Juncos inclusive, mas também a marcha e permanência no deserto até a conquista de Canaã. Por isso os livros diretamente visados não são só o Êxodo, mas também os seguintes: Levítico (muito pouco), Números e Deuteronômio e ainda um pouco de Josué. O tema geral do êxodo é desdobrado em cinco temas subordinados: 1. O Deus dos pobres. 2. O Deus que salva. 3. O Deus que faz aliança. 4. O Deus da longa marcha. 5. O Deus que dá a terra. Estes temas menores são desenvolvidos a partir dos livros bíblicos citados, levando em conta e tratando à parte as diversas tradições antigas a que remontam: javista, eloísta, deuteronomista e sacerdotal (siglas: J, E, D, P). Nem sempre se segue a ordem cronológica, enquanto se pode falar de tal ordem em livros onde prevalece a preocupação religiosa ou doutrinária. No fim de cada tema, sob o título comum "Depois do êxodo", se mostra a atualidade para a Igreja e os fiéis dos nossos dias. Como se vê, a obra é importante, porque valoriza mensagens bíblicas antigas e convida a refletir. De fato, o êxodo dos israelitas do Egito é a obra salvífica fundamental e primordial do Deus de Israel para com o seu povo: o que a vida, doutrina, paixão e morte e ressurreição de Jesus são para o povo eleito do N.T., isto é o êxodo para Israel, sendo por isso mencionado muitíssimas vezes nos mais diversos livros do A.T.

O livro está bem escrito e estruturado; a exposição é clara e não se perde em minúcias, p.ex. de ordem cronológica, histórica ou geográfica. Quando é o caso, o autor indica os fatos históricos que estão à base dos relatos, p.ex. nas pragas do Egito, morte dos primogênitos, travessia do Mar de Juncos, maná e codornizes, coluna de nuvem e fogo, água da rocha, mas não entra em longas discussões de pareceres contrastantes. Afinal ele não quer apresentar um comentário dos livros em pauta e o que importa é a mensagem religiosa que os relatos querem transmitir, especialmente a da assistência e presença contínua de Deus em todas as etapas do êxodo.

Entre os cinco temas tratados destacam-se por sua riqueza doutrinal os dos números 3 e 4: O Deus que faz aliança e O Deus da longa marcha; são também os mais compridos e contêm doutrinas atuais. O tema da marcha pelo deserto encontrou ecos profundos nos profetas, especialmente Oséias e Jeremias, e mesmo ainda em João Batista e Jesus. Neste tema destaque o que o autor diz a respeito do "reino dos sacerdotes" que será o povo eleito de Israel: "isto é, sem dúvida (melhor seria dizer: provavelmente; ver adiante!), um grupo encarregado da mediação entre Deus e os outros povos"

(p. 65). Em nota cita a opinião divergente de Cazelles, segundo o qual se trataria de "reino governado por sacerdotes", como era o caso no tempo de P (tradição sacerdotal) depois do exílio. Chamo igualmente atenção para a solução do uso bélico chocante do "hérem" ou interdito ou extermínio (pag. 137-139).

Portanto apreciei este livro e o recomendo à leitura e reflexão do cristão de hoje; mas note-se que, apesar do tema do êxodo, que é libertação dum povo oprimido, aqui não se faz propriamente teologia da libertação e menos ainda apologia da violência. Posto isto, seja-me permitido alinhar alguns pontos que acho negativos.

Antes de mais nada o tema do **pobre** do 1º capítulo que já aparece no título: **O Deus dos Pobres**. Seguidamente os israelitas são chamados pobres e a mesma designação recebe Moisés (pgs. 24 25 29). Ora esta designação, por mais atual que possa soar, não é exata: os israelitas do livro do Êxodo são-nos apresentados como vexados e oprimidos, explorados e fustigados, mas não propriamente como pobres. Podem talvez ser chamados de pobres no sentido de coitados ou miseráveis, mas certamente não se frisa sua pobreza econômica ou falta de bens; antes pelo contrário: Eles têm o que comer e no deserto se lembram com saudades das panelas de carne, dos peixes, pepinos, melancias, cebolas e alhos (Nm 11,5 Êx 16,3; afinal os egípcios deviam manter com forças para trabalhar aquela mão-de-obra barata); eles têm rebanhos e gado (Êx 9,4-7.19-21 10,9.25-26 12,32.38 (grande multidão) 17,3 34,3 Nm 11,22).

Tampouco Moisés é apresentado como pobre: faz um bom casamento e guarda os rebanhos do sogro (Êx 2,21 3,1); portanto se pode dizer que é dependente, mas certamente não se acentua sua pobreza e sim sua condição de perseguido e fugitivo: ele é vítima dum poder tirânico.

Para fundamentar o termo "pobre" ou "pobres", o autor cita o vocábulo hebraico "‘onî" que ele traduz por "pobreza" e liga (com razão) a "‘ânâw": pobres, isto é ao mesmo tempo os "humildes" e os "humilhados", aqueles que se curvam diante de Deus e aqueles que o destino curva para a terra, exatamente aqueles que o Evangelho chamará bem-aventurados (Mt 5,3; Lc 6,20)" (pg. 21-22). A definição de "‘ânâw" é excelente (adiante, pgs. 121-122, o autor voltará a este conceito, desta vez aplicado a Moisés, e o explicitará, embora não o cite expressamente).

Mas uma coisa é o substantivo 'ânâw e outra coisa o substantivo 'onî, embora um e outro derivado do mesmo radical 'ânâh II; pois o substantivo 'onî sempre significa sofrimento, aflição, miséria, situação opressiva, como se pode ver nos dicionários hebraicos. É de resto a tradução que o autor adota com a Bíblia de Jerusalém

para Êx 3,7: .... eu vi a **aflição** de meu povo (pg 21). O termo ainda ocorre com o mesmo sentido em 3,17 e 4,31. Moisés em Nm 12,3 é qualificado de 'ânâw, termo que os dicionários traduzem por **humilde, modesto, manso**.

Portanto chamar os israelitas no Egito de pobres não é exato nem consigo ver o porquê desta preferência, pois em lugar do "Deus dos pobres", perfeitamente bíblico (mas não aqui), caberia muito bem o "Deus dos oprimidos", noção igualmente bíblica, ocorrendo freqüentemente na legislação e nos profetas (ver pgs. 75-76. 79).

Mas venhamos a outro ponto. Achei infeliz e desusado o termo **jeovista** para designar a tradição J: **javista** é o termo que se usa universalmente. "Jeovista", como diz o autor à pg. 11, alínea 4 no fim, é o nome que se dá, às vezes, ao documento resultante da fusão ou combinação de J e E. Mas no nosso livro, ao menos na tradução, aparece impertentemente o infeliz "jeovista".

Outro ponto que gostaria de frisar é a tradução seguida do "sans doute" francês por "sem dúvida" em português; anotei uma porção de passagens onde se deveria traduzir por "provavelmente", o que é bastante diferente. O "sans doute que" com indicativo significa "provavelmente". Achei também pouco feliz o modo de citar as passagens bíblicas: porque os capítulos e versículos não foram colocados no próprio texto? quando então se citam várias passagens de proveniências diferentes, como p.ex. na pg. 65, e as citações só aparecem no fim, uma ao lado da outra, o leitor se vê perdido. De resto, na maneira de citar os Salmos geralmente se segue a numeração hebraica, mas nas pgs. 33 e 104 eles são citados segundo a contagem da Vulgata (melhor seria citar os dois algarismos).

Termino esta **recensão** com uma lista de **dúvidas e erratas**: 14, alínea 4: Sl 77,65-66: .... o Senhor despertou como de um **sonho**; a Bíblia de Jerusalém tem "comme un dormeur", portanto despertou como do sono.

p. 27, al. 3, linha 5: Moisés não circuncidado? mas cf. Êx. 2,6!

p. 59, alínea 2, linha 6: **contradições aparentes?** não deveria ser evidentes, manifestas?

p. 62, linha 3 do fim: **estrelas**: deve ser **estelas**.

p. 69, linha 1, 74, al. 2, linha 4,93, al. 2, linha 7: deve ser **sábado**, e não **sabá**, termo que segundo o dicionário é uma **assembléia de bruxos e bruxas** sob a presidência de Satanás (Dicionário Melhoramentos, 1977).

p. 79, nota 13: deve ser Qumrân e Letouzey.

p. 101, nota 3: falta o nº da pg.: deve ser 19.

p. 104, linha 6, e 118, linha 2: em português se diz **Estêvão**, e não Étienne.

p. 104, al. 6, linha 2: a princípio: não deveria ser **em** princípio?

p. 108, al. 6, linha 3: deve ser **mau** desígnio, não mal...

p. 117, nota 14, linha 6: deve ser **MI** (Malaquias) 2,7, não Mc 27.

p. 120, linha 7 do fim: deve ser **o culpado**, e não ocultado.

p. 123, al. 2, linha 5: **furor**, não furar.

p. 129: O Deus que dá a **terra**: nesta e nas páginas seguintes muitas vezes seria melhor o termo "país", e na pg. 134, al. 6, em vez de "terra do Egito" dizemos simplesmente **Egito**.

p. 138, al. 7, linha 1: **chegando em** é um contra-senso; o texto hebraico diz que Josué **tomou** a Acã.

p. 141, linha 2 do fim:.... pretendem **ter**: não se deveria ler "ser"?

p. 147, linha 5 do fim: um arameu **prestes a morrer**: donde vem esta tradução? o texto bíblico dá: arameu errante ou que andava ao acaso.

P. J. Balduino Kipper S.J.

V.V. A.A.: **A experiência do espírito Santo.** (Tradução brasileira, a partir de originais em francês, alemão, holandês e inglês, por vários tradutores). 216 pp., 21 x 14 cm. Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1979.

Em homenagem a **Edward Schillebeeckx**, reuniram-se neste livro (um suplemento ao nº 99, novembro de 1974, da Revista **Concilium**) quinze artigos que – e, diversos graus – tem alguma relação com o título.

Paul Brand, do Comitê de Direção da Revista **Concilium**, e **Los Leskrauwaet** escrevem sobre a vida e a personalidade do homenageado (35-44). Pergunta: por que esses dois artigos não estão em primeiro lugar no volume? Seria mais lógico.

Entre os demais artigos, destaque-se como digno de especial menção, em primeiro lugar, o de **Walter Kasper**, "Espírito – Cristo – Igreja" (72-89), que tem no centro de suas atenções a relação entre Cristologia e Pneumatologia. Propugna uma Cristologia pneumática que une Cristo e o Espírito no sentido da dialética do universal (Espírito) e do particular (Cristo).

Em segundo lugar recomenda-se o artigo de **Langdon Gilkey** sobre "O Espírito e a descoberta da verdade através do diálogo" (191-205). O autor, protestante, reflete sobre o que significa a historicidade, isto é, "a localização de todo pensamento e ação no contexto de uma época cultural" (192). O reconhecimento da historicidade exige que a Igreja dialogue com a cultura de cada época para descobrir nesse diálogo o sentido do Evangelho. Em analogia com a presença universal do Verbo ("sementes do Verbo"), explicitada pelos Padres da Igreja, L.G. propugna o reconhecimento da ação universal do Espírito na criação das culturas. Onde há verdade na vida cultural, aí o Espírito está em ação nas culturas; onde essa verdade é compreendida como iluminadora do sentido do Evangelho, aí age o Espírito na Igreja. Semelhantemente vale do diálogo ecumênico: cada Igreja precisa completar sua perspectiva própria com a tradição das outras Igrejas, já que toda verdade existente nessa diversidade é obra do Espírito Santo (= ES).

Muito interessante é o artigo do teólogo protestante holandês **Hendrikus Berkhof** (158-176) que, frente às pneumatologias de Moltmann e de Metz e aprofundando a de Schillebeeckx, acentua o "já" do espírito, pois o mesmo é o "primeiro sinal" do "éschaton" (metáfora bíblica tirada do pagamento em parcelas nas relações comerciais: primeira prestação, penhor, arras, antecipação, primeiro sinal). O que significa isso num mundo onde sofrem milhões de inocentes?"... se alguém age motivado pelo 'primeiro sinal' = práxis cristã, torna-se sofrimento este agir sobre ou deve-se ler "sob"? a pressão da situação deste mundo e toma a forma de cruz" (173).

Surpreendente e digna de ser lida e meditada é a breve nota de **Marie Dominique Chenu** sobre "Despertar evangélico e presença do espírito, nos séculos XII e XIII" (142-145). Depois de citar alguns "casos de empreendimentos sociais provocados pela mutação da sociedade a partir de suas bases econômicas", empreendimentos esses que foram colocados "sob o patrocínio do Espírito, ou melhor, sob sua inspiração" (142s), conclui que a atuação do ES se manifesta na interpretação da fraternidade requerida por cada nova rede de relações sociais proveniente da transformação econômica. E, numa frase lapidar, que os adeptos do movimento carismático deveriam meditar, escreve: "o despertar do Espírito é homogêneo à descoberta do movimento da história" (145).

Além desses artigos: – **Bernard Lonergan**, na maneira cartesiana que lhe é típica, procura explicitar a transição da autotranscendência natural do homem à ordem sobrenatural (129-141). – **Piet Schoonenberg** tenta entender o "batismo com Espírito Santo" tanto a partir do NT como da própria experiência do movimento

carismático (91-112), mas extrapola o dado bíblico, embora suas observações sobre o neopentecostalismo sejam dignas de consideração. — **Jean-Pierre Jossua** propõe que o teólogo, assumindo sua vocação como um carisma do ES, ouça mais os grupos de base (206-216). — **Tarcisius Jan Van Bavel** reflete sobre a influência do Espírito sobre a transição entre o Jesus terrestre e o Cristo da mensagem (58-71). — **Yves Congar** incursiona pelos campos da exegese, estudando a blasfêmia contra o ES (45-57). — **Emmanuel-Patar Siman** escreve sobre "a dimensão pneumática da eucaristia segundo a tradição siríaca de Antioquia (113-128) e **Antoon Vergote**, sobre "O Espírito, força de salvação e de saúde espiritual" (177-190).

Restam para mencionar dois artigos, cujo original era em alemão e foram traduzidos por José dos Santos Gonçalves. **Hans Küng** resume sua interessante, mas muito discutível tese sobre a confirmação como plenificação (Vollendung) do batismo administrado a crianças (7-34; por que estará no início do volume?). A mesma tese foi defendida como dissertação doutoral por um discípulo africano de Küng: **Jean Amougou-Atangana**, *Ein Sakrament des Geistempfangs? Zum Verhältnis von Taufe und Firmung*. Freiburg — Basel — Wien, HerderVerlag, 1974 (mencionada à p. 34, nota 3). — **Karl Rahner**, provavelmente em águas por ele já desde há muito sulcadas, escreve sobre "Experiência do Espírito e decisão existencial" (146-157). "Provavelmente", porque a tradução fez o recensor desistir da leitura. Se já por si é difícil traduzir do alemão ao português, a dificuldade potencia-se várias vezes, quando se trata do alemão de Rahner que — como se costuma dizer ironicamente — precisa ser traduzido para seus próprios conterrâneos. A primeira condição para traduzir Rahner é conhecer globalmente seu pensamento. É o que parece ter faltado a J.S.G., como — quando mais não fosse — se patenteia ao verificar que traduz "Woraufhin" por "sobre-que" (149). Ou quando na p. 147 o leitor se confunde, porque, junto ao que é denominado "o único estado possível", aparece "o outro estado" (as duas vezes grifado por mim). O leitor supõe que no original alemão tenha sido feita uma contraposição entre "der eine Zustand" e "der andere Zustand". Mas, mesmo depois dessa suposição, não consegue entender, porque desconfia que o adjetivo "livre" que paira ali entre vírgulas, esteja deslocado. Só resta mesmo desistir da leitura. Quem sabe alemão, poderá esperar que o original um dia lhe caia em mãos; quem não sabe, será capaz de xingar os teólogos europeus que só escrevem coisas incompreensíveis...

Mas, se, tratando-se de um original de Rahner, se desculpa mais facilmente uma tradução falha (já que não é a primeira, nem a

única!...), o mesmo não vale para um trabalho escrito por Küng. E, no entanto, o leitor descobre erros palmares que se advinham até sem ler o original. Assim, basta entender do assunto e saber alemão, para ver que na p. 10 houve confusão entre "Beschneidung" (circuncisão – assim está no texto) e "Besiegelung" (= assinalação, termo técnico para designar o sinal feito sobre o crismando; na liturgia latina: "signatio"; na liturgia grega: "sphragis" – assim terá constado no original). Na p. 13 lê-se "marcos indissolúveis" onde deveria estar "sinais indelévels", mostrando-se que a tradução confunde "unlöslich" (indelével, embora a palavra também possa significar "indissolúvel", no sentido de uma substância que não se dissolve em água, por exemplo) com "unauflöslich" (indissolúvel no sentido em que se fala do casamento). Na p. 31, "Glaubenssätze" é traduzido por "frases de fé", quando teria sido preferível dizer "proposições de fé".. Também no título do artigo há um problema de tradução. Segundo H.K., a confirmação é "Vollendung" do batismo. Isso é mais que "complementação"; significa "plenitude", ou – para expressar o dinamismo inerente à palavra alemã – "plenificação" (cf. a idéia em 27s).

Apesar de tudo, justiça seja feita a J.S.G.: no terceiro artigo por ele traduzido, o de Kasper, não se encontrou deslize. Entretanto, era necessário salientar os defeitos de tradução dos outros dois, porque infelizmente as más traduções (especialmente quando o original é alemão) não constituem exceção na literatura teológica brasileira. Fique a advertência à Editora Vozes. E também um apelo veemente a ela e a todas as demais que no Brasil se dedicam à publicação de obras teológicas. Mais vale não publicar que publicar traduções ininteligíveis ou até erradas. E tais traduções pululam. Instituem-se revisores que compreendam a língua original e entendam de teologia. Mesmo que com isso os livros fiquem mais caros. Mais vale pagar mais pelo livro do que ter na prateleira um livro barato e inútil, porque incompreensível ou cheio de erros. Além disso, é uma questão de honestidade. E também de respeito ao autor.

Ainda uma observação sobre o cochilo de outro tradutor (do datilógrafo ou do revisor tipográfico). Às p. 92 e 93, no artigo de Schoonenberg, ocorre seis vezes a palavra Qumran. Só na terceira e na quinta vez deveria ocorrer. Nas demais vezes deveria estar um simples "Q" maiúsculo, pois o autor se refere à fonte Q ("Q-Quelle") que os exegetas postulam para explicar a coincidência entre Mt e Lc nos pontos onde se afastam de Mc.

Francisco Taborda S.J.

GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. — **Acceso a Jesús. Ensayo de teología narrativa.** (Verdad e Imagem 55). 228 pp. 13,5 x 21 cm. Ediciones Sígueme. Salamanca (Espanha) 1979.

González Faus publicou em 1975 uma Cristologia de caráter sistemático, *La Humanidad Nueva*. Agora nos apresenta algo que poderia ser comparado a uma versão popular daquela obra. Só que não se trata de uma tentativa de esgotar o tema, mas apenas de apresentar os problemas mais atuais e prementes no campo cristológico, de maneira compreensível para os não técnicos. Sobretudo o significado, no nosso tempo, da dupla natureza de Cristo (divindade e humanidade) e o da ressurreição aparecem tratados com competência e profundidade. A maior parte do livro está composto na forma de palestras. Teria sido interessante indicar qual era o público ao qual foram originariamente destinadas.

O autor dedica uma boa parte de suas reflexões a mostrar os métodos exegéticos atuais e os problemas que nos apresentam. Realmente, torna compreensível toda a problemática dos gêneros literários e da história das formas, mesmo que não possamos concordar com todas as suas conclusões. Parece-nos que estas se encontram condicionadas pelo tempo e pelo lugar em que foram escritas. Assim, quando González Faus, após invectivar a cristologia tradicional, nos diz que não é possível o reformismo, mas que se trata de conseguir algo verdadeiramente novo, está colocando claramente a problemática da Espanha pós-franquista e usando a teologia como um meio de tomar posição política.

Um outro problema, que brota da leitura do livro, e que está ligada ao anterior, é o da conexão com a vida da Igreja. Por muito penetrantes que sejam as reflexões do autor e apesar do seu enraizamento na realidade concreta, cabe perguntar se é legítimo construir teologia sem uma referência explícita à fé e à vivência da Igreja. Ponhamos, por exemplo, o caso da virgindade de Nossa Senhora, tratada num apêndice ao capítulo "Que podemos saber sobre Jesus?" Pois bem, a interpretação dos textos escriturísticos é feita por González Faus sem uma indicação de como a Igreja (e não apenas os cristãos "bem-pensantes") os interpretaram ao longo dos séculos. Não basta, ao nosso ver, remeter genericamente "à fé da Igreja, expressa na função magisterial". Seria necessário dizer qual é essa fé e que as razões em que se apóia (a concepção virginal como demonstração da absoluta gratuidade de Jesus e da sua salvação) não são puras elucubrações de burgueses moralizantes.

A obra de González Faus é rica de conteúdo e aberta a uma problemática atual. Descortina perspectivas libertadoras e aproxima o Cristo de nós. Mas deveria ser lida num confronto constante com o que a Igreja foi refletindo, crendo e vivendo sobre o Cristo.

Jesús Hortal, S.J.

GREGORY, Pe. Affonso – GHISLENI, Maria A. – **Chances e Desafios das Comunidades Eclesiais de Base** (Cadernos de Teologia e Pastoral nº 13). 88 pp., 13,5 x 21 cm., Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1979.

Dois pequenos trabalhos – independentes um do outro – sobre o fenômeno tão rico de possibilidades das Comunidades Eclesiais de Base. Pe. Affonso Gregory – atualmente D. Affonso – olha do seu ponto de vista específico, ou seja, o da sociologia religiosa. A Irmã Maria Augusta, por sua vez, se detém nas considerações psico-pedagógicas. O primeiro estudo é, em boa parte fruto da experiência e da observação pessoal; o segundo parece ficar no nível do puramente teórico, ou melhor, da dedução, a partir dos documentos oficiais da Igreja. Embora publicado já em 1979, o livro em questão não chegou a incorporar as Conclusões de Puebla, que tanto destaque deram às CEBs. Talvez, à vista da Conferência Geral do CELAM, teria sido aconselhável esperar alguns meses, a fim de enriquecer os dois trabalhos publicados com novas perspectivas.

Gregory centra a sua reflexão em torno ao povo, como elemento gerador e protagonista das CEBs. Por isso, não compreendo a sua negativa a aprofundar precisamente esse conceito básico: "povo". Expressamente diz: "Não se tem a intenção de fazer, aqui, uma explanação sobre o que é povo" (p. 22). Como ele mesmo reconhece, o conceito não é neutro e mereceria uma atenção maior. Também falta, ao meu ver, uma maior determinação da eclesialidade, da qual as CEBs devem participar, conforme o próprio nome indica. Repetidamente, no trabalho de Gregory aparece a expressão "Igreja que nasce do povo". É aqui um dos pontos onde as Conclusões de Puebla teriam dado uma perspectiva algo diferente. É verdade que o autor, embora valorando positivamente o processo das CEBs, não deixa de apontar as dificuldades que por toda a parte se esboçam. Uma delas – talvez a maior – é o fato de as CEBs

encontrarem o seu terreno próprio quase exclusivamente na área rural. O próprio Gregory escreve: "A opção de partir do povo orienta-se preferencialmente na direção do povo que vive no meio rural ou que ainda tem tradições de vida rural, como as populações suburbanas" (p. 24). Ora, sabemos que o processo de urbanização se acelera a um ritmo sempre crescente. Já a maioria da população brasileira vive nas cidades. Por quanto tempo poderemos manter a ilusão de que uma pastoral dirigida preferencialmente para uma minoria (a população rural ou semi-rural) é uma pastoral "popular"? A reflexão sobre as CEBs deveria, ao meu ver, preocupar-se muito mais com as possibilidades de vivência comunitária eclesial entre as populações urbanas. Caso contrário, estaremos construindo pequenos guetos, cada vez mais minoritários, nos subúrbios, sem atingir a massa crescente das classes médias-baixas. Não estou contestando nem o princípio de participação nem as experiências das CEBs, mas pedindo que se olhe um pouco mais para o futuro do que para o presente e o passado. Estou de acordo com Gregory em que "as CEBs vivem e trabalham com amor e dedicação". Mas teria gostado que ele, a partir da observação e a experiência tão rica que possui, não tivesse parado onde parou, mas tivesse tentado uma projeção para novas formas comunitárias, na cidade.

O estudo de Maria A. Ghisleni, como dizia, é um conjunto de considerações mais teóricas, do que tiradas da experiência. Pode servir para uma reflexão no seio das comunidades. O confronto da experiência com essa teoria servirá de teste para ambas.

Jesús Hortal, S.J.

SCIANDINI, Frei Patrício, O.C.D. — COUTINHO, Ana Paula. — **A Procura do Deus Vivo: No caminho da Oração.** 128 pp. 14 x 21 cm. Edições Loyola. São Paulo. 1979.

O livro em apreço é, simultaneamente, uma teoria e uma prática da oração, pois vai entremeando as considerações teóricas com modelos práticos de oração, tirados fundamentalmente da Bíblia.

Numa primeira parte, tenta mostrar qual é o ser da oração e, como não podia ser menos, acaba por insistir na clássica definição: orar é entrar em diálogo com Deus. Talvez nessa primeira parte, haja

uma insistência excessiva na facilidade da oração. Para o homem moderno, que experimenta cada dia o "silêncio de Deus", repetir uma e outra vez que orar é fácil pode parecer-lhe que é não levar a sério as suas dificuldades. É verdade que, mais adiante, Frei Patrício e Ana Paula encaram essas dificuldades, sobretudo ao falar da preparação remota para a oração. Mas talvez teria sido conveniente uma maior sistematização nas suas reflexões.

A segunda parte (Escola de "Oração") é a mais bem acabada. Nela, se dá uma idéia, acessível a todos dos métodos de oração, dos sentimentos que nela se podem exercitar, da sua conexão com a vida cotidiana, etc. É realmente uma pedagogia da oração. Como é natural, dada a personalidade do autor principal, há alguns acenos à escola carmelitana, de modo especial ao caminho do esvaziamento proposto por São João da Cruz. Mas afortunadamente não se absolutiza um método de escola e se deixam as portas abertas para outras experiências possíveis.

A terceira parte (Tudo nos leva a Deus) me decepcionou um pouco. Apesar do que se diz na página 83 ("Este capítulo será, por necessidade um pouco comprido"), ela é a mais breve do livro e quase não aporta mais novidade do que uma proposta de divisão do tempo dedicado à oração.

A quarta parte (Homens rezando) é um florilégio de orações, escritas em diversas épocas e em diversas latitudes. Podem ajudar realmente como exemplo. Como os autores dizem, essas orações possuem "só um valor demonstrativo" (p. 94) e não deveriam ser tomadas num outro sentido.

Finalmente, a quinta e última parte é uma coleção de citações bíblicas, com a finalidade de servirem como "simples pistas, quer para a oração individual, quer para a oração comunitária" (p. 115).

Esta obra pode ajudar a quem procura um caminho para a oração.

Jesús Hortal, S.J.

CAVALLINI, Graziano. — **La Fábrica del Deficiente. Escuela — Sociedad — Cultura.** Trad. do italiano por Luis Legaz. 208 pp. 12 x 18 cm. Sociedad de Educación Atenas. Madrid (Espanha). 1975.

Este pequeno livro é uma contestação radical da escola, tal como ela existe atualmente. Não é que o autor pretenda o desaparecimento puro e simples dos centros de ensino, mas a sua reforma completa. A sua tese fundamental se apóia no convencimento de que as nossas escolas — mais especificamente, as escolas da Itália, onde ele escreve, mas também todas as escolas do mundo ocidental — "servem para conservar a ignorância, impondo uma forma moderna de superstição". Cavallini pensa que a escola é sempre fruto de um sistema político concreto e que a função que lhe é assignada, mesmo que isso não apareça claramente, é a de preservar o sistema sócio-econômico vigente. Na sua concepção, a sociedade atual — hierarquizada e classista — é uma sociedade escravizante. Por isso, ele pretende uma educação libertadora dessas escravidões. O ponto fundamental, onde ele vê as deficiências estruturais da escola, é a parcelação dos alunos em classes separadas, dos conhecimentos em matérias independentes, dos professores em especialidades. Contudo, não consegue enxergar claramente qual será o modelo do futuro. Como ele mesmo afirma, não lhe interessa fazer previsões, mas estimular a tomada de consciência sobre os fatos atuais.

A análise de Cavallini — embora ele não o diga — está baseada na concepção marxista do homem e da sociedade. Daí que, com freqüência, embora quase que como de passagem, critique violentamente a religião, como um sonho mítico. Mas o seu marxismo tem um sabor mais anarquista do que leninista. O que pretende é uma sociedade absolutamente deshierarquizada e com uma moral baseada unicamente na práxis. Por isso, acaba caindo na utopia anarquista, na qual nem ele próprio consegue enxergar uma solução. É aí onde nos devemos perguntar: quando a crítica é pura crítica, sem marcar caminhos de saída, serve para algo mais do que para lançar no desespero?

J.Hortal.

CÂMARA, Hélder. — **Quién soy yo? Autocrítica.** Edição preparada por Benedicto Tápia de Renedo. 140 pp. 12 x 19 cm. Ediciones Sígueme — Sociedade de Educación Atenas. Madrid (Espanha) 1978.

Quem é Dom Hélder? Um visionário? Um profeta? Um revolucionário? Um "inocente útil"? Para responder a estas perguntas, o compilador, Benedicto Tápia de Renedo, que já publicara anteriormente uma obra de análise do ideário e da personalidade de Dom Hélder ("Hélder Câmara, Signo de Contradicción"), recorre agora exclusivamente às próprias palavras do Arcebispo de Recife. Trata-se, portanto, de uma espécie de antologia de páginas mimeografadas, em diversas épocas, pelo Secretariado Regional Nordeste II da CNBB, sob o título "Pronunciamentos de Dom Hélder". Teria sido interessante indicar a data exata de cada um dos pequenos artigos que compõem esta espécie de confissão pública de Dom Hélder, porque, não há dúvida, alguns deles são respostas a ataques bem concretos lançados contra o seu autor. A data e o contexto poderiam ajudar a compreender o significado exato de certas expressões.

Os cinco primeiros capítulos — até a chegada a Recife — formam uma breve biografia; os oito restantes são antes um ideário, num estilo simples. Não creio que se possam chamar — como o compilador faz — "autocrítica, porque o único ponto em que Dom Hélder se critica é na sua pertença, durante os anos moços, ao Partido Integralista (aliás, aqui erroneamente chamado "integrista").

Pode-se concordar ou discordar de Dom Hélder, mas quem ler estas páginas verá uma figura transparente, de um homem um tanto poético, com uma enorme preocupação no coração: mostrar aos mais deserdados o significado do amor cristão. A sua apreciação da análise marxista pode ser um tanto ingênua, mas quem tiver lido este livro não poderá acusá-lo de comunista, sem incorrer em má fé. As suas considerações sobre a violência — ou melhor, sobre a não-violência — são páginas antológicas para o pensamento cristão contemporâneo.

Jesús Hortal, S.J.

SMET, Walter, S.J. — **Eu faço um Mundo Novo. Movimento Carismático na Igreja.** Prefácio do Cardeal Suenens. Tradução do neerlandês por Frans van de Water, MSC. 176 pp. 14 x 21 cm. Edições Loyola. São Paulo. 1978.

Uma obra sobre o Movimento de Renovação Carismática na Igreja Católica, escrita por um dos seus participantes. Pela data do prólogo, deduz-se que o original foi escrito em 1973, portanto, a apenas sete anos dos acontecimentos na Universidades "Duquesne" e "Notre Dame", que costumam ser apontados como o início do pentecostalismo católico. Talvez seja esta a maior desvantagem do livro: não tem ainda uma perspectiva histórica suficiente para apreciar os verdadeiros frutos desse movimento. O próprio autor o reconhece repetidamente, quando se apresenta a questão de se os participantes da renovação carismática contribuíram ou não para a transformação do mundo, lutando contra as injustiças sociais. A resposta é bem clara: ainda é muito cedo para sabermos qual a contribuição dessas pessoas para uma sociedade mais justa.

Smet nos dá uma panorâmica histórica e teológica do movimento pentecostal. Depois analisa pormenorizadamente os princípios doutrinários e a prática do pentecostalismo católico. Afortunadamente, não cai na tentação de absolutizar a renovação carismática como o único caminho possível de reavivamento da Igreja. É também muito consciente das ambigüidades que encerra a expressão "batismo no Espírito Santo", tão usada nos ambientes pentecostais, mas sabe dar-lhe um significado bastante aceitável para todos: não se trata de um oitavo sacramento, mas de uma reviviscência de algo que já está fundamentalmente em todo cristão: a graça do Espírito Santo, recebida através dos sacramentos da Igreja. Também são bastante moderadas as suas considerações sobre os carismas, especialmente sobre a glossolalia, que afortunadamente ele não identifica com os fenômenos do primeiro Pentecostes e sim com os que se passavam na comunidade de Corinto e que tiveram que ser disciplinados por São Paulo. As reflexões sobre a oração, a sua necessidade e a sua prática podem ajudar inclusive a pessoas que não estejam pensando em participar formalmente do movimento carismático.

Em resumo, um livro que procura focalizar os aspectos positivos de um movimento de atualidade na Igreja católica.

Jesús Hortal, S.J.

LEPARGNEUR, Hubert. — **Fontes da Moral na Igreja. O Papel da Hierarquia, dos Teólogos e da Prática Popular na Elaboração da Norma Moral** (Cadernos de Teologia e Pastoral, nº 10). 92 pp., 13,5 x 21 cm., Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1978.

No repensamento geral das disciplinas teológicas após o Concílio Vaticano II, talvez foi a Moral a que se encontrou mais desamparada. Porque o Concílio não produziu nenhum documento de cunho especificamente moral. O único que, nalguns pontos, se aproxima dessa temática é a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Por isso, a reflexão sobre a Moral teve um caráter mais secundário: não a partir dos documentos conciliares, mas a partir da Encíclica *Humanae Vitae* e da crise de autoridade geral que se manifestou, de modo violento, em 1968.

Lepargneur pretende, neste trabalho, rever as "fontes" da ciência moral. Como ele mesmo afirma, "num assunto tão complexo não caberia uma solução simples". Por isso, diz que tentou "não fechar indevidamente nenhuma porta para o futuro, sem compreender o presente nem condenar levemente o passado". A tentativa é nobre, mas conduz a uma certa ambigüidade. Pelo menos, essa é a impressão que a gente tira de uma leitura rápida da obra. Não é fácil contentar simultaneamente a gregos e troianos. Essa impressão, porém, pode ser fruto de que a obra que comentamos tende a expor unicamente princípios gerais da moral, sem entrar na solução dos casos concretos, ou melhor, sem apresentar princípios de aplicação imediata. A crítica que o autor faz dos manuais tradicionais, com sua repetição incondicional do magistério eclesiástico, está plenamente justificada. Também são muito acertadas as reflexões sobre a complementaridade dos três elementos chaves na formação da consciência moral: o Magistério, os teólogos e o Povo de Deus. Mas a gente gostaria de ver essa reflexão continuada até o nível do concreto. Talvez Lepargneur se animará a prosseguir esse rumo numa obra futura.

Jesús Hortal, S.J.

MOSER, Antônio. — **O Problema Demográfico e as Esperanças de um Mundo Novo** (Cadernos de Teologia e Pastoral nº 12), 70 pp. 13,5 x 21 cm., Editora Vozes. Petrópolis, SJ, 1978.

Um tema da máxima atualidade. A questão do planejamento familiar pode ser encarada sob diversos ângulos de visão, mas não pode ser ignorada. O autor nos mostra inicialmente uma série de números que fazem pensar, mesmo que algum deles seja discutível (por exemplo, a afirmação de que a taxa de crescimento atual do Brasil é de 2,8% ao ano, quando seguramente não passa de 2,5%, com uma tendência manifesta à baixa). Em todo o caso, a questão existe. Frente a ela, adotam-se três atitudes principais: a dos antinatalistas neo-malthusianos, que pretendem uma redução dos nascimentos, a qualquer custo, como condição indispensável para o desenvolvimento econômico; a dos partidários da auto-regulação natural, que acreditam nos mecanismos da natureza e que parecem apresentar um otimismo exagerado; e a posição oficial da Igreja, que poderíamos qualificar de otimismo moderado, baseado na Divina Providência, mas partidário de uma política demográfica, inclusive em âmbito mundial, contanto que respeite a visão integral do homem que o cristianismo nos apresenta e que não empregue meios indignos. Ainda mais, a posição do magistério parece insistir na prioridade de uma distribuição da riqueza para construir um novo estilo de vida.

Moser não se limita a expor essas três posições, mas passa adiante, ao mostrar os interesses econômicos e políticos que se escondam atrás do antinatalismo radical. No fundo, parece aceitar a tese de que não é o planejamento familiar que produz o desenvolvimento, mas, ao contrário, é através do desenvolvimento que se atinge uma atitude de paternidade responsável. Por isso, a sua solução não é simplesmente a da propaganda anticonceptiva, mas a do empenho na construção de um mundo novo, com relações mais justas entre os povos. Contudo, ele acha que, dentro desse quadro, a política demográfica do estado é uma necessidade ineludível. Mas uma política que respeite o homem e a sua decisão pessoal.

A obra é recomendável, embora se lhe possa fazer alguma restrição pela crítica — não plenamente fundada — da *Humanæ Vitæ*.

Jesús Hortal, S.J.

ALBERTON, Carmen Regina – WAGNER, Elísia –
RUSSOMANO, Norma R. – WEBBER, Naiá C.B. –
WORNICOV, Ruth **Uma Dieta Para Crianças: Livros –
Orientação a Pais e Professores** – Redacta/Prodil, Porto
Alegre, 130 pgs., 22 x 15, 1980.

É bastante animador o crescente interesse, entre nós, pelos livros dedicados ao mundo infantil. Estão aparecendo, no mercado livresco, cada vez mais numerosas e mais aprimoradas, obras destinadas a essa tão difícil classe de leitores mirins. Graças a Deus porque, como informa o apresentador da obra que estamos recensando, Ir. Elvo Clemente, "pouco se pensa e pouco se ensina sobre valores morais, pessoais e religiosos, quando é sabido que não há educação sem princípios e sem escala de valores. O livro infantil é instrumento de educação e de formação da pessoa".

Ora, acaba de surgir uma obra excepcional, porque vem preencher verdadeira lacuna em nossa literatura infantil. É um verdadeiro GUIA de orientação para pais e professores, na seleção de obras deste gênero. E por isto deverá estar necessariamente, além de, nas mãos deles, em todas as bibliotecas escolares, nas públicas, federais, estaduais e municipais, e nas particulares.

O grupo de professores que a elaborou, freqüentou o Curso de Especialização de Literatura Infantil, na Pontifícia Universidade Católica do R.G.S., no Curso de Doutorado de Linguística e Letras.

Catalogaram cerca de 800 títulos de obras que saíram a lume nesta última década, distribuindo-os em dois grandes grupos: o narrativo e o prático. Aquele em cinco sub-grupos, de acordo com as seguintes faixas etárias: dos três anos em diante, dos cinco, sete, nove e, enfim, dos onze anos em diante. E todas estas 800 obras classificadas, pedagogicamente, em 4 categorias diferentes: desde o ótimo, assinalados com três estrelinhas, até o não recomendado – NR.

Dos livros mais apropriados à criança, apenas 72 receberam as três estrelinhas, ou cerca de 9%. Dos não recomendados, apenas 5, ou 0,6%. Parece-nos que as dedicadas e esclarecidas autoras apertaram por cima e afrouxaram por baixo. Isto é, embora não sejamos especialistas na matéria, sabemos que há mais obras, que se dizem para crianças, mas que não se as podem recomendar. Achamos, pois, que o critério seletivo do 4º grupo, dos NR, deveria ter sido mais exigente, aplicando o mesmo rigor que aplicaram na classificação dos melhores.

BENIMELI, José A. Ferrer — CAPRILE, Giovanni, **Massoneria e Chiesa Cattolica, Ieri, Oggi e Domani**, Edizioni Paoline, 21,50 x 13,50, 252 pgs, Roma, 1979.

Em o nº 2 — jan.-abril de 1979 — fiz a recensão da obra de Ferrer Benimeli, S.J., intitulada, *La Masonería Actual*. A que estou apreciando, é a tradução e adaptação ao italiano, pelo especialista no assunto da nossa revista romana, *La Civiltà Cattolica*, Pe. Giovanni Caprile, S.J. Aquele, de 1977, é a segunda edição de *La Masonería Despues Del Concilio*, de 1968. É bem significativo o que o autor informa a respeito da dificuldade que teve de enfrentar para a publicação desta obra e foi, justamente um maçõn que o conseguiu. o Dr. Luis E. Heysen, Grão-mestre da Grande Loja Nacional do Peru, um dos pró-homens da Maçonaria hispano-americana mais preocupado e que mais faz, de sua posição de católico convicto, para uma aproximação fraternal entre a Igreja e a Maçonaria. O Dr. Heysen levou pessoalmente ao Vaticano a obra de Benimeli afim de que fosse examinada (cf. artigo do mesmo autor, in *Vida Nueva*, Madrid, n. 966, de 25-1-1975, intitulado, *Los Catolicos y la Masonería*).

O Pe. Caprile justifica esta edição italiana informando que, depois da carta da S.C. para a Doutrina da Fé, de 1974, que assinalou uma reviravolta verdadeiramente histórica no relacionamento entre a Igreja e a Maçonaria, não passou mês que duma ou doutra região da Itália ele não tivesse sido interpelado — por carta, telefone ou pessoalmente — sobre como se regular a respeito da própria inscrição na Ordem ou acerca do propósito de nela ingressar: é compatível ou não, com a decidida vontade de permanecer e viver como cristão convicto e praticante?

Para dar resposta esclarecedora é bem fundamentada é que se abalançou a traduzir a obra: traduzir, atualizar e completar. Quase todo diverso é o material dos Apêndices. Também acrescentou ampla Nota Bibliográfica, com mais de 500 títulos, mas somente obras recentes que tratam das relações Igreja-Maçonaria, contrárias ou favoráveis, todas igualmente importantes para quem, um dia, deverá enfrentar um estudo mais sistemático e global da questão.

Esta obra já foi traduzida, atualizada e completada, também para nossa língua, com igual título: *Maçonaria e Igreja Católica, Ontem, Hoje e Amanhã*, de, por conseguinte, Ferrer Benimeli — Giovanni Caprile — Valério Alberton e já estará nas livrarias quando esse nº de *Perspectivas Teológicas* vier a lume. Justifico esta edição brasileiro-portuguesa:

1º) – Porque não há, em nossa língua, praticamente nada de original ou de traduzido, que nos dê uma visão objetiva do “fenômeno” maçônico e nada, absolutamente nada, com relação às iniciativas e aos trabalhos que vêm sendo realizados em diversos países do mundo, num sentido genuinamente ecumênico, de aproximação, diria melhor, **reaproximação Igreja-Maçonaria.**

2º) – Porque a Ordem maçônica brasileira é a mais numerosa do mundo latino, precisamente este mundo latino que presenciou, estarecido, a Maçonaria desviar-se, em alguns Países (e, num ou noutro nem todas as Potências) de seus verdadeiros objetivos.

3º) – Para cumprir, também, com um **elementaríssimo dever de justiça**, tanto mais porque, hoje, mais do que nunca, há uma extrema e estrênuo sensibilidade nesse terreno desta **virtude cardeal da Justiça**, com a defesa permanente, intransigente e tenaz dos **Direitos Humanos.**

A adaptação do original e da edição italiana é bastante livre e muito ampliada com relação à nossa terra. Também foram substituídos alguns apêndices e acrescentados outros que mais interessam a nós, brasileiros, como, por exemplo, o X, **Diálogo da Igreja com a maçonaria, na Bahia**; o XVII, **“DOCUMENTOS” forjados para a posteridade**; XVIII, A **“Questão Religiosa” do 2º Império**; XIX, **Iniciativa Pioneira**, a tomada pela Loja maçônica daqui de São Leopoldo, em 1953, **“assinando um armistício”** com o Reitor do Seminário Central, etc.

Quanto a Portugal, quase nada pudemos apurar, apesar de todas nossas pesquisas, como, aliás, informamos no sub-capítulo correspondente – IV, III,7. Isto se deve, certamente, ao amordaçamento da Maçonaria portuguesa durante o longo período do regime salazarista e agora apenas novamente começando a se movimentar.

Pe. Valério Alberton, S.J.

BRACELAND, M.D., Francis – FARNSWORTH, M.D., Dana L., – OLIVER, Henry K., **Psiquiatria, Sacerdocio y Dirección Espiritual**. Trad. de Félix Alvarez, S.J. de Psychiatry, The Clergy And Pastoral Counseling, da St. John's University Press – Colegeville, Minnesota, U.S.A.. A tradução é editada pela Sal Terrae, Santander, 1975, 477 pgs. 21 x 16.

Para avaliar a importância do assunto, basta saber que a obra é fruto de muitíssimos Seminários realizados em St. John, entre 1954 e 1968, por 66 especialistas na matéria, clérigos e leigos, e na obra colaboraram 19 deles.

Finalidades, são duas principais:

1) proporcionar ao clero e seus auxiliares, um sumário de conhecimentos básicos acerca dos seres humanos e de suas dificuldades;

2) mostrar como se chegou a organizar e a manter um diálogo de 15 anos entre membros do clero, psiquiatras e psicólogos.

Não contém nada de novo, como se diz no prefácio, mas põe à disposição dos membros do clero muita informação básica que não teriam podido obter de outra maneira sem ter dispendido muito tempo e ter feito muito trabalho.

Os Seminários foram realizados na Abadia beneditina de St. John, Collegeville, em Minnesota.

Não é um livro de texto de direção espiritual, já que seus autores só tem competência indireta neste campo. Mas quer ser uma fonte para os conselheiros de pastoral que desejam ter um conhecimento maior e uma consciência mais profunda dos problemas humanos que não teriam encontrado nos estudos puramente teológicos.

É, realmente, uma obra indispensável, que deveria ser logo traduzida ao nosso idioma. Considero uma necessidade que se introduza nos Seminários a cadeira de psicanálise e psiquiatria, ou, ao menos, que no estudo de Psicologia Experimental se dê muito mais ênfase a estes problemas.

Simplemente porque, como se sabe, e isto se pode dizer sem perigo de exagero, a grande maioria das doenças são de origem psíquica e só com meios psíquicos se curam. Um folheto distribuído pelo Hospital Sanatório Belém daqui de Porto Alegre, afirma que 90% das enfermidades têm causas psíquicas e 73% (?) podem ser curadas independentes de remédios. Tempos atrás um

programa de TV abordou este assunto tão palpitante durante dois domingos consecutivos. Num apresentou o problema e no outro promoveu debates. Nas duas vezes, além da transmissão oral, apareceram dizeres escritos no vídeo afirmando que em 70% das doenças, os hospitais, os remédios e os médicos agravam a situação do enfermo. De fato, é muito comum o exame geral duma pessoa que se considera muito doente não acusar absolutamente nada...

Neste sentido é muito valiosa a experiência dos assim denominados Neuróticos Anônimos – N.A. – um dos ramos dos famosos A.A. – Alcoólicos Anônimos. Um livrinho fundamental desses grupos é o intitulado *As Leis da Doença Mental e Emocional*. São transcrições de artigos do Journal of Mental Health e publicados pelos Neurotics Anonymous International Liaison, Inc. de Washington, D.C. .

Pois bem. Baseados na experiência pessoal de centenas de milhares dos seus membros, N.A. ensinam que a doença mental e emocional é sempre a mesma em todas as pessoas, embora os pormenores possam ser diferentes em diferentes indivíduos. Afir-mam que é doença espiritual, por conseguinte da ALMA. Dizem quando estavam emocionalmente doentes, estavam, de fato, espiri-tualmente doentes.

Muitos médicos disseram a diversos deles, depois de testes exaustivos, que não havia nada de fisiologicamente errado com eles.

Depois de outros testes para verificar sua capacidade men-tal, e depois de consultar psiquiatras e descobrir que suas mentes estavam intactas, foram forçados a concluir que sua doença era mental e espiritual, da ALMA.

Descobriram, então, através de experiência pessoal, obser-vação, estudo, trabalho em conjunto e comparação de experiências com outras pessoas, **que a causa absoluta da doença emocional é o Egoísmo**. Não há nenhuma outra causa. É do egoísmo que brotam todas as dificuldades. E qual, então, o remédio, também único? AMAR. Não há outro. Tudo o mais ou é contraproducente ou paliativo. É a incapacidade de amar a causa fundamental de toda doença emocional.

Adquirir, pois, a capacidade de amar é a cura para essa doença e o caminho para uma vida alegre e feliz. Não preciso dizer que não se fala aqui da paixão sexual, mas daquele profundo, duradouro amor de um ser humano por Deus, por todos os outros seres humanos, um devido amor por si mesmo (não o narcisismo) e por todas as coisas boas da vida.

De fato, a psicologia, a parapsicologia, a psiquiatria, a psicanálise, a medicina, a fisiologia, a religião e a sabedoria popular

de há muito sabem, que as pessoas que são amadas e aprendem a amar bem cedo na infância, jamais sofrem de doença emocional.

Quando uma pessoa é desprovida da capacidade de amar, começa a surgir nela toda espécie de dificuldade patológica: delírios, depressão, projeção, racionalização excessiva, paranóia, sentimento de culpa, remorsos, autopiedade, ódio a si mesmo, isolamento e "encaramujamento", apenas para citar alguns exemplos...

E agora a gente compreende melhor o que dizem os latinos: *Ars Artium Regimen Animarum* — a direção das almas é a arte das artes. Ou o que costumava dizer S. Felipe Neri: *A Alma Humana é Diocese Suficiente para o Trabalho de um Bispo!*

P. Valério Alberton, S.J.

VALLE, S.J., P. Inácio Rafael, 50 Anos de Graças — 1930 — 1980 — Romaria Jubilar — Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças — Edição própria, 21 x 14, 48 pgs. 1980.

Na recensão do nº passado, da obra de Nilza Botelho Megale, 107 Invocações da Virgem Maria no Brasil (pgs. 110 s.), lastimava a completa omissão, por parte da autora, do título de Nossa Senhora Medianeira, "apesar de já ser, hoje, seu Santuário de Santa Maria, um dos mais populares, tanto é verdade que nem mesmo passou despercebido de profanos, já que segundo o "Globo Reporter" de 27-11-79, que abordava o empolgante tema do catolicismo popular das romarias, a de Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria figura em 2º lugar, vindo logo após a de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira Principal do Brasil, seguida do Círio de Nazaré, em Belém do Pará".

Esta grande popularidade das romarias da Medianeira o Pe. Valle registra em sua joia recém "desfornada", pequena em tamanho, mas rica em conteúdo.

Depois de tratar do histórico da era mariana do último século, e da doutrina da Mediação Universal de Leão XIII e do Cardeal Mercier, traça o histórico do Santuário e das romarias para em seguida desenvolver esta doutrina, tão consoladora, em suas duas

partes: participação de Maria Ssma. no mistério da redenção e como distribuidora de todas as graças, de acordo com o magistério da Igreja, com destaque especial aos documentos de Pio XII e de Puebla.

Em seguida fala do poema dedicado à Virgem Imaculada pelo Bem-aventurado José de Anchieta e no qual enaltece esta verdade, e do grande Romeiro dos Santuários Marianos que é João Paulo II e nos quais invoca a Mãe Medianeira, para concluir com o Rosário, oração predileta da Virgem Medianeira e da Santa Igreja e, com chave de ouro, com a comovedora doutrina da Mediação Mariana de São Pio X.

Pe. Valério Alberton, S.J.

ALBERTON, Valério S.J., — **Os Papas e o Rosário.** 79 pp.
21 x 14 cm. Edições Loyola, São Paulo 1980.

Se o P. Alberton quer salientar o valor do Rosário e contribuir novamente para a sua difusão, não é, evidentemente, por "beatice", mas por compreender o caráter eclesial profundo dessa oração popular.

Na primeira parte, "O Rosário hoje", começa a falar da "Crise do Rosário". E "porque não, se tudo está ou esteve em crise"? (p. 5). Ele acha, porém, que "esta crise está passando ou já passou" (p. 9), uma vez que constata um "reflorescimento da mariologia e do marianismo", manifesto também em Puebla.

Toda a segunda parte é dedicada aos pronunciamentos dos Papas sobre o Rosário. A lista inicia com Urbano IV (1261) e termina com o 38º pronunciamento de João Paulo II, feito em Porto Alegre, na sua visita de 4 de julho de 1980. Que o Rosário não pode ser considerado uma devoção rotineira sem espírito e conteúdo, já fica evidenciado pelo fato de um Papa com a sabedoria de Leão XIII ter dedicado a ele nada menos que 45 documentos.

O autor admite justos motivos de crítica ao Rosário, quando sua recitação, por exemplo, está sendo feita de "maneira monótona, apressada e desordenada", ou quando é ausente a contemplação dos mistérios de Cristo (pp. 13-14). Em vista de semelhantes objeções talvez tivesse sido útil dedicar um capítulo à exposição

mais ampla dessas dimensões espirituais e teológicas do Rosário. Elas são mencionadas no meio do texto, especialmente nas pgs. 50-51, onde o autor apresenta a Exortação Apostólica de Paulo VI, "Marialis Cultus", de 2/2/1974: "O documento papal mais profundo e o mais extenso de todos os documentos de Papas jamais escrito sobre a Virgem Sma. " Também a nota sobre a história do Rosário na "Colômbia do século XVI" e nas colônias italianas do Rio Grande do Sul poderá ser completada um dia, incluindo tantos fatos narrados na nova "Hist. da Igreja no Brasil" (e na América Latina) (Editora Vozes) sobre as "Confrarias do Rosário", nas quais desde os tempos coloniais a população escrava encontrou um poderoso sustentáculo espiritual. Isto, quando o autor cumprir a promessa de publicar mais outra obra, em que dará uma "série bem grande de exemplos magníficos e muito ilustrativos" (p. 15), do século XX.

P. Fred. Laufer, S.J.

ROCHA, José Augusto, **O Senhorio de Cristo. Um livro autodidático de instrução programada.** Editora Betânia. Primeira edição 1979. Venda Nova. Belo Horizonte. 159 pgs. 22 x 13 cm.

Neste livro o autor se empenha por acentuar e provar o senhorio ou a soberania de Cristo; ele pensa que (nas igrejas evangélicas) se fala muito ou quase só de Jesus como Salvador e pouco ou quase nada como Senhor. Isto certamente é uma preocupação pastoral e teológica válida, porque todo unilateralismo não presta. O livro se apresenta não como uma exposição doutrinal ou acadêmica do senhorio de Jesus, mas desdobra-se em quinze unidades pedagógicas destinadas ao estudo pessoal, com o fim de levar o crente interessado a aceitar a Jesus como Senhor. Isto se faz através de numerosas sub-unidades ou conjuntos de palavras numerados, todos baseados em textos do A. e do N.T. O estudioso deve ler estes trechos e conferir na Bíblia os textos, para preencher os espaços pontilhados para as respostas.

Eis os títulos de algumas destas unidades maiores: A criação da luz: Jesus é a luz do mundo (1). A criação da água: Jesus a Fonte da água viva (2). O Senhorio de Jesus na Vida do Cristão (7 e 8). O Senhorio de Jesus na Família Cristã (9), na Igreja (10), sobre os

Anjos (11), os Demônios (12), a Morte (13), Senhorio Absoluto de Jesus (15). Disto resulta uma coleção impressionante de textos bíblicos, fazendo com que o estudioso crente se compenetre desta verdade tão importante para a sua vivência cristã e confesse que Jesus é o Senhor (Flp 2,11 1 Cor 12,3c Rm 10,9) e Senhor dos Senhores (Ap 17,14 19,16 1 Tm 6,15), seu Senhor e Deus (Jo 20,28).

Acrescente-se que a apresentação tipográfica do livro é muito boa e atraente: o papel é excelente e o texto vem ilustrado profusamente com desenhos e bosquejos bem feitos, por exemplo o da pg. 94: casal estrilando!

Numa simples recensão não se podem abordar todos os problemas e dúvidas que um curso tão amplo pode levantar, tanto mais que ele se destina a leitores sem formação teológica propriamente dita ou acadêmica. Sejam-me, no entanto, permitidas algumas observações.

Na unidade 3 nos.3.19-3.27 o autor fala do título “Senhor” (Kýrios) tantas vezes atribuído a Cristo. Isto está muito bem e é importante. Mas parece-me que o autor poderia ter valorizado ainda muito mais este título e seu alcance teológico: É que “Senhor” — Kýrios é a tradução normal e generalizada que a Versão dos Setenta adotou para o nome divino Javé. Portanto se Paulo usa este termo mais de 300 vezes (p. 47, Nota), quer insinuar a divindade de Cristo. O mesmo matiz de divindade estava contido no mesmo título dado aos imperadores romanos e soberanos divinizados do antigo Oriente Próximo, sem falar das divindades pagãs que recebiam este título. Quanto à afirmação do autor de que poucos tiveram este nome (p. 40: 3.21), tenho minhas dúvidas; em todo o caso o uso profano deste termo, também no N.T., é freqüente, por exemplo como senhor da vida, dono, proprietário, se é que é isto que o autor quis dizer com sua observação. Quanto à transcrição em português eu preferiria a forma Kýrios em lugar da empregada no livro Kurios.

Jesus-Criador: quando se fala do papel de Jesus na criação, o N.T. usa a preposição grega “diá” com genetivo = através de, por meio de, e não “hypó” com genetivo = por. Portanto dos textos resulta que Jesus é o **mediador da criação**, e não diretamente criador, termo reservado a Deus ou ao Pai (Jo 1,3.10 1 Cor 8,6 Col 1,16 Hbr 1,2). Neste ponto o autor não é claro ou conseqüente: ora afirma que Jesus criou todas as coisas (p.13:1.10; 1.11?; p.14: 1.12; p.18/19: 1.44 1.45), ora afirma que a criação ocorreu por intermédio de Jesus (p.15: 1.17 1.19; p.45 Nota). De resto, para ser luz do mundo, fonte de água viva e Sol da justiça, Jesus não precisa ter criado a luz (p.16: 1.22), a água (p.24:2.9) e o sol (p.45: 4.5).

P.13: 1.9: Que o verbo "Façamos" de Gn 1,26 revele a presença da Trindade na obra da criação é antecipação indevida duma doutrina própria do N.T.

P.22 e 23: 2.1 e 2.3 Nota: Que as águas de cima ou acima do firmamento estivessem em estado gasoso, em forma de nuvens, é um concordismo indevido. Para os autores bíblicos existe acima do firmamento um grande reservatório de águas, do qual provém as chuvas e o granizo (Gn 7,11 no fim Sl 29,10 104,3.13 Jó 38,22.23.28 Eclo 43, 15 14). É claro que os autores bíblicos também conhecem as nuvens como fatores das chuvas, como mostra por exemplo Elias no Monte Carmelo.

P.24: 2.7: Parece estranho e difícil lançar uma árvore nas águas (Êx 15,25); é verdade, Ferreira de Almeida e a tradução portuguesa da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (1939) traduzem o termo hebraico "eç" por árvore; mas isto é tradução muito literal; muito mais óbvio segundo o contexto é traduzir por "madeira, pau, ou espécie de madeira" e jogar um pau, pedaço de madeira ou pau na água (ou fonte; certamente se fala em águas e não em açude).

P.25: 2.20 Jesus estava de viagem para a Galiléia, procedente de Jerusalém ou mais exatamente da Judéia (Jo 4,3).

P.47 Nota: Paulo, em suas cartas, fala apenas três vezes de Jesus como Salvador. Não sei que cartas o autor atribui a Paulo. Conteí as seguintes passagens que falam de Jesus como Salvador: Ef 5,23 Flp 3,20 2 Tm 1,10 Tt 1,4 2,13 3,6. O verbo "salvar" atribuído a Cristo ocorre em Rm 5,9-10 10,9 1 Tes 5,9-10 (1,10: outro verbo sinônimo) 1 Tm 1,15 e o substantivo *salvação* se encontra em Rm 10,10 2 Tm 2,10.

P.52. Alimentos: 5.2 e 5.3: animais e peixes serviriam como alimento aos homens segundo Gn 1,21.29-30. Não está exato: aos primeiros homens Deus assina alimentos vegetais, e a carne dos animais apenas é liberada como alimento depois do dilúvio (Gn 9,2-4).

P.157a 15.51 e 15.52: o autor parece supor que "os debaixo da terra" de Flp 2,10 sejam os demônios, quando na realidade são os mortos.

P.152:15.17: "Cristo vem do grego; em hebraico se diz "mâchiah", donde vem Messias.

Sirvam estas observações para demonstrar o interesse que tomei por este livro, cuja preocupação teológica e pastoral, repito, me parece digna de elogio e atenção.

P.J. Balduino Kipper S.J.

A Oração que Funciona. Escrito por um Cristão Desconhecido. Tradução do original inglês *The Kneeling Christian* por Myriam Talitha Lins. Editora Betânia, Belo Horizonte 1979, 18 x 10 cm.

Isto é um belo livro sobre a oração e os frutos que produz nos filhos de Deus. Não se conhece o nome do autor, mas sabe-se que era inglês e talvez mais exatamente escocês; era missionário na Índia e homem de muita oração. Como consta da introdução, o livro foi publicado na Inglaterra antes de 1937, tendo ótimo acolhimento e fazendo um bem imenso. No ano passado a Editora Betânia de Belo Horizonte lançou a primeira tradução em português.

A obra trata de vários aspetos da oração, insistindo com razão na necessidade que temos como filhos de Deus de nos dirigirmos a ele pela oração, seja de petição ou súplica, seja de louvor e adoração. Sem que se perceba uma estrita ordem lógica, trata-se das promessas quase incríveis que Jesus fez a respeito da oração em seu nome, de como se deve rezar e como Deus atende as orações; fala-se também dos impecilhos da oração: o pecado, especialmente a incredulidade ou desconfiança, o egoísmo e a ausência de amor fraterno. Oração não é só pedir favores, é também comunhão com Deus como amigo.

Temos aqui avisos práticos a respeito da oração e por isso há muitas repetições das mesmas idéias, repisando certos pontos básicos. As citações bíblicas, muitas delas repetidas, são freqüentes e perpassam todo o livro.

O que acentua a importância do livro e lhe confere interesse muito grande são os muitos exemplos de orações atendidas e particularmente os citados a propósito da China e Coréia (p.32-37). O próprio autor refere vários episódios onde orações suas ou de pessoas suas conhecidas foram atendidas de maneira surpreendente. Além disto são mencionados seguidamente grandes homens de oração: ocorre com freqüência o nome de João Hyde, chamado "O homem que orava", missionário americano que trabalhou na Índia (p.27.38-40.65/66.120.130). São citados também Jorge Müller, outro missionário (48-49.65.89.99.139), Moody na Escócia (55.68-69.129.139) e Amy Carmichael (49-50.51.53) e muitos outros. A propósito de Jorge Müller se conta que durante 63 anos e 8 meses rezou diariamente pela conversão dum amigo, sem a conseguir em dias da sua vida; mas o amigo se converteu logo depois da morte do grande homem de oração. A certa altura são mencionados também um Frei Lourenço, São Francisco de Assis e Mônica (58.61.119).

O autor insiste uma e muitas vezes e com toda a razão no papel que o **Espírito Santo** desempenha na oração dos filhos de Deus: Ele mora em nós como num santuário e quando não sabemos como rezar ou o que pedir, intercede por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8, 26-27). Outro ponto muito repetido é que o **demônio** procura obstacular de todos os modos a nossa oração (aqui se teria esperado uma confirmação bíblica).

Um aspeto que me deixou um tanto insatisfeito é o **papel de Cristo** na nossa oração. É verdade, o autor se ocupa longamente das sete promessas que Jesus faz acerca do atendimento e dos frutos da oração que deve ser feita em seu nome (pgs. 67-77). Menciona também várias vezes a oração de Jesus junto ao túmulo de Lázaro e a da agonia no Horto e de passagem a da transfiguração. A propósito da questão se devemos ou podemos fazer orações compridas, cita o exemplo do Mestre que às vezes passava longas noites em oração (p. 86/87), citando Lc 6,12. Mas o que eu teria gostado de ver era um capítulo inteiro dedicado a este grande homem e mestre da oração que foi e continua sendo Jesus tanto por seu exemplo como por sua doutrina sobre a oração, incluindo eventualmente um tratamento amplo sobre a oração por excelência que ensinou aos discípulos; pois quanto vejo o "Pai-nosso" apenas é mencionado a propósito do nosso dever de perdoar aos irmãos e outros, se quisermos ser perdoados e atendidos (p.127).

Quanto à **tradução**, não tendo à mão o original, não estou em condições de dar uma apreciação completa. Tem-se a impressão que o texto português é às vezes um tanto hesitante, não muito à vontade, por assim dizer. O termo "**ajudador**" que ocorre duas vezes na pg. 78, certamente é pouco usado: porque não dizer "auxiliar", "amparo", "assistente"? Embora o título português corresponda de fato à intenção e preocupação do autor, contudo o título original "O cristão ajoelhado ou de joelhos" seria mais concreto e falante.

Por fim quero apontar algumas erratas e falhas:

P.12, alínea 6: nas cidades deles: mas concretamente se fala na cidade de Nazaré e portanto no singular.

P.17, linha 6 a partir do pé da página: deve ser mas, e não ma.

P.61, 1ª alínea: S. Francisco de Assis orava no Monte Alverne, e não no Monte Averno (!).

P.99, al. 2ª, linha 11: deve ser se converteu, não ser ...; linha 15: deve ser Dn 10,13, não 10,3.

P.102, al.4, linha 4: deve ser 2 Rs 4,6, não 1 Rs.

pg.87, linha 5: em vez de Mc 1,31 deve ser 1,35, sendo que esta passagem só se refere a um episódio de oração solitária de

Jesus na madrugada; é Lc 5,16 que fala do costume de Jesus de rezar em lugares solitários.

p.119, 1ª alínea: Não foi em Roma que Agostinho conheceu ao bispo Santo Ambrósio, mas sim em **Milão** e foi nesta cidade que ele se converteu.

p.89: o autor vê no **príncipe do reino da Pérsia** (Dn 10,12-13) a Satanás. Mas de fato se trata do **anjo** tutelar ou patrono da Pérsia e portanto dum ente celestial benéfico que defende a causa dos persas. Neste ponto, quanto vejo, os autores modernos estão de acordo.

P.J. Balduino Kipper S.J.

PHILLIP, Keller, Nada Me Faltará. O Salmo 23 à luz das experiências de um pastor de ovelhas. Editora Betânia, Venda Nova, MG, 1979; 121 pgs. 21 x 13,5 cm.

Este livro foi traduzido do original inglês por Myriam Talitha Lins. A obra original é de 1970 e leva o título "A Shepherd Looks at Psalm 23". A apresentação externa do livro é muito atraente: bom papel e boa impressão, belas capas coloridas com rebanhos de ovelhas. O autor se criou na África Oriental entre boiadeiros nativos e durante sua juventude foi criador bem sucedido de ovelhas durante oito anos junto do mar e, segundo parece, na parte ocidental dos Estados Unidos. Durante alguns meses foi pastor leigo numa igreja comunitária e mais tarde cientista. Estava casado e tinha dois filhos, mas a esposa lhe morreu ao cabo de dois anos de sofrimentos oriundos de câncer.

O livro em apreço não é um comentário científico ou exegético do Sl 23 (22 da Vulgata), mas sim um comentário devocional sobre este salmo tão querido. Keller dividiu a obra em 12 trechos com os títulos feitos das palavras do Salmo. Na sua exposição ele não parte propriamente do texto bíblico, mas sim das experiências vividas como criador e pastor de ovelhas, passando em revista as diversas tarefas deste mistér no dia-a-dia e durante as diversas estações do ano. Para ele o pastor não é Javé, Deus de Israel, pois esta visão só raras vezes aflora, mas sim aquele que se intitulou de "bom pastor", **Cristo**.

O resultado positivo de tal perspectiva ou enfoque é que o autor consegue realmente pintar ao vivo a solicitude e o cuidado extremado dum pastor para com as suas ovelhas e por conseguinte o imenso amor e carinho de Jesus para com o fiel que se entrega a ele com confiança e renúncia do próprio ego. Achei também muito boa e justa a insistência com que o autor ressalta o papel do Espírito Santo em nossa alma que nos conduz a Cristo e nos torna conscientes da sua presença consoladora e confortadora.

Achei interessante o que escreve a respeito da ovelha irrequieta que ele chamava de "Dona Irrequieta" e que aqui no sul chamaríamos de "roceira". O autor vê nesta ovelha uma imagem dos crentes carnais, do cristão descontente, do meio cristão e do apóstata. Só perguntaria, se seria próprio do pastor bíblico o ato de sacrificar tal ovelha....

Igualmente interessante a descrição da ovelha "virada" ou caída de costas que não consegue mais levantar-se por si mesma, sendo portanto presa fácil de predadores, como sejam cachorros e urubus. Interessante também o que refere a respeito da contagem do rebanho, da vara e do bordão ou cajado e seus usos.

Contudo o método de partir da vida real do pastor e forçosamente do pastor do século vinte, fora da Palestina, e daí aplicar o salmo à vida do cristão produz várias distorções do sentido original. Que a vara do pastor seja símbolo da Palavra de Deus e o cajado simbolize o Espírito Santo, parece bastante estranho, ao menos sem as referências bíblicas que porventura se possam citar. Que a mesa do v.5a possivelmente signifique "platô" ou planalto com boas pastagens, não é plausível: trata-se do banquete sacrificial de ação de graças celebrado no templo e também é neste contexto que se enquadra a unção da cabeça e o cálice transbordante do salmista. O autor vê na unção o uso de óleo de linhaça com sulfa contra a sarna dos animais, ao passo que o cálice é imagem do sofrimento amargo, o que contradiz todo o contexto. A "casa do Senhor" no fim do salmo certamente é o templo de Jerusalém; e se se objetasse que no tempo de Davi ainda não havia templo propriamente, pode-se responder que as repetidas afirmações do autor de que Davi seja o autor do nosso salmo, não têm grande fundamento, pois o título "Salmo de Davi" é muito vago e impreciso e nenhum exegeta moderno basearia nele tantas afirmações e conclusões. Mas o autor tem razão, quando afirma que a casa do Senhor implica a presença benéfica e salutar de Deus na vida do salmista. O que o autor diz nas pgs. 69-70 sobre o vale (escuro), não quadra bem com as condições geográficas da Palestina; morando nas alturas de Belém, na montanha de Judá, Davi não tinha muito monte mais alto, para levar as ovelhas para pastagens de verão.

Nas pgs. 56 e 82 se afirma que a Iã representa a velha vida egoística ou é figura do ego, do orgulho e auto-inteligência; não se dando referências bíblicas não vejo o porquê (seria em vista de Os 2,7e.11d ou Ez 34,3 ou ainda Lv 19,19 Dt 22,11?).

Quando se afirma à pg. 38 que o Espírito Santo é simbolizado muitas vezes pelo óleo, pode-se pensar em Is 61,1 e At 10,38 ou ainda em Saul e Davi que receberam o espírito de Javé pela unção de Samuel (1 Sm 10,1.6.10 16,14; 16,1.13). À pg. 100 se volta a falar da unção diária do Espírito Santo e no contexto próximo se cita Rm 8,1.2.

Quanto a erratas notei as seguintes:

p.34,3ª alínea: deve ser Ez 34, e não 35.

p.45,4ª alínea pelo fim: alimentados, revigorados, eles: não deveria ser feminino?

p.67, linha 4: repouso, não repouco.

p.70, linha 2: esforça-se, não esforçar-se.

p.87 pelo fim: longânimo: não deveria ser longânime? é ao menos a forma mais comum e óbvia.

p.100, linha 5: entre eu e meu Mestre: não será entre mim?

p.115, 5ª alínea: Deus contemplou o trabalho da sua alma e ficou satisfeito: onde se encontra esta passagem? De resto é uma pergunta que muitas vezes se pode fazer no decurso da leitura deste livro, quando as citações bíblicas aparecem sem as devidas referências.

P.J. Balduino Kipper S.J.

LA HAYE, Tim, Como Estudar a Bíblia Sozinho. Instruções práticas para o estudo sistemático e fascinante da Palavra de Deus. Tradução de Myrian Talitha Lins. Editora Betânia, Belo Horizonte 1978, 123 pgs. + muitos gráficos, 21 x 13 cm.

O original norte-americano é de 1976 e o autor nos diz à pg.36 que já escreveu sete livros com quase dois milhões de exemplares impressos. Na presente obra ele apresenta um método prático ou espécie de introdução à leitura da Bíblia sozinho,

baseado na sua própria experiência e na de cursos ministrados a pessoas e grupos.

O essencial do método consiste na leitura devocional e corrente de 15 minutos diários mais outrostantos minutos diários de estudo de toda a Bíblia, acompanhados de diário espiritual e apontamentos de leitura. Ao par da leitura e do estudo recomenda com insistência a memorização metódica dos versículos bíblicos mais importantes. Ele insiste particularmente nas revisões e repetições periódicas de livros e trechos, mandando por exemplo ler sete vezes 1 Jo. Assim ao cabo de três anos o crente terá lido e estudado toda a Bíblia. Enfatiza igualmente que se leiam os livros na íntegra, para não isolar indevidamente os versículos, como sucede com o método de leituras "a bicadas" (p.33); além disto se deve ler primeiro o Novo Testamento e só depois o A.T.

Ao par da leitura e estudo regular e pessoal recomenda a freqüência habitual numa igreja evangélica (p.12 45). Para motivar e dar base sólida a um esforço tão grande e prolongado, o autor lhe enumera os frutos, como sejam a certeza da salvação, alegria e paz (pgs. 13-20 e alhures).

Concretamente propõe que o recém-convertido a Cristo comece por ler sete vezes 1 Jo, durante uma semana, para adquirir a certeza da salvação. Em seguida leia Jo duas vezes, numa média de quatro capítulos por dia, durante onze dias. O Evangelho de Mc será lido duas vezes, vindo a seguir as nove epístolas menores de Paulo, Lc e At, Rom. Ao cabo dum ano se terá lido todo o N.T. duas vezes. No 2º ano se passa ao A.T. e primeiro serão lidos os livros sapienciais, começando pelo livro dos Provérbios, e assim por diante.

A fim de facilitar o estudo apresenta alguns desenhos sugestivos, por exemplo, à pág. 52: Bíblia como biblioteca, e muitos gráficos, especialmente no fim do livro, para todos os dias da semana. As últimas 36 páginas só constam de tais gráficos de página inteira para diversos assuntos: Diário do Crescimento Espiritual, Estudos de Livros, Análise de Capítulos, Estudo de Personagens Bíblicos (sugestão ótima!), Vida de Jesus e parábolas, Salmos.

Portanto vê-se que é um programa muito rico e amplo, concreto e firme, quase diria rijo demais, embora admita certa flexibilidade de acordo com as necessidades do crente. Contudo perguntaria, se é vantagem começar a leitura da Bíblia por dois livros tão difíceis como 1 Jo e Jo (é verdade o autor não os acha difíceis: pg. 68/69) e colocar já no primeiro ano a carta aos Romanos. Quanto ao A.T., os livros sapienciais, por mais belos e úteis que sejam, contudo me parecem muito difíceis para um

começo de leitura, quando o mais óbvio seria começar pelos livros históricos.

Tenho também a impressão que o método é um tanto rígido, quase diria implacável, de modo a lançar o desânimo em pessoas menos metódicas e perseverantes. O autor até fala em fazer um voto de leitura e estudo diários no teor seguinte: Sem Bíblia, não há café! (pg. 38-30); de resto não vejo que de Jó 23,12 se possa concluir "evidentemente" que ele tenha feito um voto com Deus.

O autor escreve para leitores protestantes e por isso só fala em 39 livros do A.T., quando no cânon católico ainda há os livros e partes de livros chamados deutero-canônicos num total de 145 capítulos. Além disto ele é tradicionalista ou fundamentalista, por exemplo no tocante aos autores dos livros tanto no A.T. como no N.T. e quanto às datas. Falando dos quatro **grandes profetas** não diz nada de Isaías II e III e supõe simplesmente que o livro de Daniel tenha sido escrito pelo exilado e contemporâneo de Ezequiel (pg. 59); Davi escreveu grande parte dos Salmos (pg. 89). Entre Adão e Noé medeiam 1600 anos (pg. 57). A mesma tendência aparece nos livros que recomenda como instrumentos de leitura (pg. 95-100), especialmente quando alerta contra certas enciclopédias bíblicas que apresentam pontos de vista contrários a Cristo (pg. 98), mas neste ponto concordo com o autor. Portanto o leitor moderno crítico nem sempre ficará satisfeito nestes pormenores.

Outro ponto que gostaria de frisar, é o seguinte: o autor várias vezes chama os Evangelhos de **Vidas de Jesus** (por exemplo pág. 43 61): isto não é bem exato, ao menos no sentido que eles sejam biografias de Jesus. É que estes livros querem dizer-nos quem é este Jesus de Nazaré para a nossa fé e vida de cristãos, e para tanto eles não se interessam por certos pormenores que numa vida ou biografia não podem faltar. Por isso nem Mc, que provavelmente é o Evangelho mais antigo, nem Jo têm algo sobre a infância de Jesus.

E por falar em Mc: diz o autor que este Evangelho **não dá muitos detalhes**: é verdade, ele não traz muitos discursos de Jesus, mas justamente se distingue por uma série de pormenores pitorescos que Mt e Lc nem sempre reproduzem, por exemplo quando Jesus durante a tempestade reclina a cabeça **num travesseiro, na popa da embarcação** (4,38), ou quando gira os olhos sobre os circunstantes (3,34) ou ainda aquela mulher doente que, apesar de se tratar com muitas despesas com muitos médicos, até piorou (5,26 no fim). Comparem-se também os relatos do possesso de Gerasa ou Gadara e do menino lunático/epiléptico em Mc 5,1-20 e 9,14-29 com os de Mt e Lc: o primeiro muito mais rico e pormenorizado.

Ficou-me uma dúvida: à pg. 79 o autor afirma: "Outra maneira de fazer o estudo do parágrafo é analisar as palavras, procurando a origem delas num dicionário grego ou hebraico". E então promete que adiante vai mostrar, como se faz isto. Infelizmente não encontrei esta explicação, pois à pág. 98 fala sim dum dicionário bíblico, mas não trata a questão levantada. De fato não consigo entender, como uma pessoa que nunca estudou grego ou hebraico, se possa servir dum dicionário destas línguas com suas letras próprias.

Para concluir: apesar das restrições propostas, estou convencido que o leitor seriamente empenhado em conhecer a Bíblia e pôr em prática os seus ensinamentos, seguindo este método, acabará por adquirir um conhecimento vasto e profundo dos sagrados livros com imenso proveito espiritual, embora talvez não tanto em nível científico; mas o importante mesmo na Bíblia é que ela é palavra de Deus e portanto o que pesa antes de mais nada é sua mensagem religiosa para as nossas vidas.

Erratas: p.38, linha 2: insistirmos, não insitirmos.

p. 59, alínea 2, linha 3: foram, não forma (a frase é um tanto pesada).

p.86 pelo meio: João 21 e 22? O Evangelho só tem 21 capítulos.

p. 106, alínea dois no fim: ater-nos, não aternos.

P.J. Balduino Kipper S.J.